

ECHEVARRIA, Fernando – *Lugar de Estudo*, Porto, Afrontamento, 2009

Sendo verdade o que escreveu António Ramos Rosa sobre a poesia de Fernando Echevarria, a saber que "num ritmo vagaroso, em que a substância de cada palavra é extremamente valorizada, o poema vai instaurando o lugar da presença ou de uma correspondência actualizada de diversos planos da realidade", isso é particularmente verdadeiro desta obra do autor, vinda a lume em 2009.

Trata-se dum livro de 268 poemas inscritos em outras tantas páginas, pensados ali, estou a vê-lo, na sua casa da Cantareira, já no final do percurso do Douro, na margem do lago que faz antes de entrar no Mar, no Cabedelo, face aos pinhais de Gaia e à Afurada do outro lado, onde ainda se conservam memórias de Raul Brandão.

Pois aí, neste espaço exíguo,

"O mundo recrudescer fidedigno.
Vemo-lo vir à inteligência. Sobe
com o vagar de um ritmo
onde reluz aparecendo móvel.
Mas, sobretudo, resultado. Ímpeto
a iluminar seu nome
que hoje destaca o fôlego marítimo
e o espelhamento do azul a pino.
Deixa-o à lenta superfície. Envolve,
opaco quase, o profundo brilho
da maré cheia a completar a orbe.
O mundo move-se no azul puríssimo.
e a abstracção, profunda, se comove.

Mestre de respirar entre o ver e o visto, é entre os dois, segundo se exprime neste poema, que bem se podia qualificar de arte poética que o autor cumpre o trabalho do sentido, para empregarmos uma expressão cara a P. Ricoeur.

Seguindo o percurso do poeta pelas diversas aquarelas que a luz e as estações fornecem do mesmo quadro que tem diante de si, ora quando "se assestembra a luz do cabedelo", ora quando "a norte a ronca ausculta o cabedelo", ou "pela manhã de Deus e do Outono" em "um mar poente de nuvens" e outras tantas variações, o leitor passa a "ver como", sente a face sensível do poema, meio pensamento, meio experiência, que tece a trama que sustém em conjunto o sentido e a imagem, graças ao seu carácter selectivo.

A imagem seleccionada ordena o fluxo do tempo, das cores, dos dias, regula o aparecer, o icónico, de tal forma que quando vem à linguagem, é, simultaneamente, aquela que significa. O autor e o leitor vê como, mas esta ajunta, não dispersa.

O que mais me impressionou na leitura atenta e muito demorada desta obra de Fernando Echevarria, conhecedor e leitor das anteriores foi, talvez, atento a algumas indicações de Ricoeur sobre a metáfora, aquela espécie de ligação entre representar e exprimir, num mesmo intento de escolher a referência exacta para as vivências do poeta, que imagino, a diversas horas do dia, só, frente ao mesmo quadro.

A heterogeneidade aparente do carácter cognitivo e emotivo que implica esta operação, de facto, apaga-se no esboçar do quadro e do tema a que verso a verso, é colocado diante de nós, como se a "figura" e a acção de a captar, afinal se confundissem:

À noite, a luz, arvorescente, entrava
pela limpa lisura da janela.
Tinha timbres chegados da outra banda

do rio mas, também subindo desta.
Nocturnas, as gaivotas destrinchavam
intrigas jubilosas. E sapiência
à sobrenatural alvura expostas.
E que a noite trazia para a mesa
onde o trabalho recolhia a forma
de palavras sofridas(...)

A metáfora é de facto uma aplicação insólita, na medida em que mostra o estranho na aparência do familiar, como aqui, quando se liga o recolher das gaivotas à noite, ao trabalho do lavrador recolhendo os instrumentos do labor, aqui do ofício das palavras.

Trata-se de ensinar novos usos a velhas palavras, que a princípio protestam e depois se adaptam. Este poema parece mesmo poder conotar-se com aquilo que Ricoeur chama uma migração conceptual que acontece quando o reino de origem cobre o reino novo sobre o qual se desenrola.

Finalmente gostaria de sublinhar ainda, neste rápido apontamento também de homenagem, amizade e apreço ao amigo Fernando, a questão da relação entre verdade e metáfora tal como aparece nestes poemas, quase sempre consignada na relação entre ver e visto (visto, eidos em grego, daí ideia). Ricoeur diz a determinada altura da sua obra sobre a metáfora: "est une demande en concept, mais non encore un savoir par concept" (*La Métaphore vive*, Paris 1975, 376), o que quer dizer que o dinamismo da significação expressa na linguagem metafórica aponta para um dinamismo da realidade, uma espécie de ontologia implícita.

Vejamos o seguinte poema sobre o cabedelo, limite entre o rio e o mar, entre a esperança e a morte, lugar do último olhar quando os barcos não chegam e portanto, última circunscrição do tempo:

O cabedelo sobrepõe-se antigo,
ao que constrói o esquecimento
de mulheres rasgadas pelos gritos.
Pairam aqui. Movem brandões de medo
quase visíveis. E difundem círculos
de paz de após seu último flagelo.
A barra, essa, desfraldou o nimbo
dos temporais. De um tempo
em que homens e arrais sonhavam filhos
contra as vagas erguidas pelo vento.
Agora o cabedelo vai subindo
para uma altura de real concreto
e incorruptível. De avidez de píncaro
que reconduz antiguidade e gestos
à fulguração de espantos indo
desencantando o promontório eterno.

Neste poema o campo referencial partindo do passado, avança para o presente e estende-se para lá das coisas visíveis e perceptíveis. Predicação e referência dão-se as mãos, misturando o estranho e o familiar, o já visível e o ainda para lá.

Quem conhece a obra de Fernando Echevarría sabe que esta forma de desencantar a realidade, pelo processo mil vezes ensaiado de busca de conexões entre a base e o timbre, está sub-entendida. Mas aqui neste *Lugar de Estudo*, talvez seja mais exaustivo.